



Joaquim Tomás pedagogo português seguidor da Escola Nova na Primeira República e Ditadura Militar (1910-28) e Estado Novo (1928-1974)

Ernesto Candeias Martins

Instituto Politécnico de Castelo Branco Escola Superior de Educação

Doutor em Ciências da Educação

ernesto@ipcb.pt

Resumo: Estudo de natureza histórico-documental e/ou bibliográfica à volta da figura pedagógica de Joaquim Tomás, com recurso à metodologia hermenêutica na análise e interpretação das fontes (primárias, secundárias), complementadas com entrevistas a um seu familiar, que permitiu a reconstrução histórica do percurso de vida do professor/inspetor do ensino primário, de admirador dos ideais da Escola Nova e de experiências escolares inovadoras na Europa. O método hermenêutico, devedor do texto/linguagem e mediador na pesquisa e interpretação das fontes documentais, permitiu contextualizar esta figura de pedagogo no tempo sócio histórico e político em que viveu. Este artigo norteou-se pelos seguintes objetivos: analisar a obra e as ações de Joaquim Tomás no período histórico do seu percurso de vida; compreender à luz da época (contexto), o autor, a autenticidade e confiabilidade documental, a natureza da interpretação argumentativa relacionada com educação/ensino e pedagogia moderna; identificar Joaquim Tomás no seio das ideias do movimento da Escola Nova; valorizá-lo como figura pedagógica para a História da Educação. Neste resgate da memória individual para a coletiva no campo da Educação, aprofundou-se os contributos de Joaquim Tomás para a História da Educação em Portugal e, principalmente, a sua vertente didático-pedagógica do ensino primário.

Palavras-chave: Joaquim Tomás; Escola Nova; História da Educação; ensino primário; didática-pedagógica



Figura 1: Retratos de Joaquim Tomás

Fonte: Jornal Voz de Retaxo, maio/junho de 2005

Considerações iniciais

Joaquim Tomás nasceu em 27 de setembro de 1879, na freguesia de Retaxo, concelho de Castelo Branco (Portugal) e faleceu em Lisboa, em 16 de janeiro de 1973. Foi o primeiro de seis filhos de Maria da Conceição (nascida em 14 de dezembro de 1851) e de Domingos Tomaz (nascido em 1848), de família humilde e dedicada às tarefas da agricultura. Dois dos seus irmãos viveram e morreram naquela localidade do Retaxo: Ana da Conceição e José Tomás, que foram avós de Maria Hermínia e de Aníbal José Pires Gonçalves Tomás, este último familiar foi por nós entrevistado várias vezes entre 2018-2019, dando-nos depoimentos e acesso a várias relíquias/artefactos familiares. Esta figura foi no seu tempo, carinhosamente apelidado de “*Ti Padre*”, nomenclatura muito utilizada pelo seu sobrinho-neto Aníbal Tomás, cujo pai era sobrinho e afilhado de Joaquim Tomás, tendo, por isso, o próprio nome do tio. Frequentou a escola primária na sua terra natal e o curso dos liceus em Castelo Branco (zona do interior e capital da região Beira Baixa). Posteriormente, matriculou-se no Escola Primária Superior de Castelo Branco, onde terminou as provas finais, com 11 valores, sendo-lhe conferido, com 19 anos de idade, o diploma de professor do ensino primário, no dia 22 de agosto de 1899, fazendo, assim, parte do primeiro grupo de diplomados dessa instituição de habilitação (Goulão, 2005).

Realizamos uma investigação histórico-documental e/ou bibliográfica à volta da figura pedagógica de Joaquim Tomás, no período histórico de finais da Monarquia, na Primeira República (1910-1926), na Ditadura Militar (1926-18) e no Estado Novo salazarista e marcelista até à aurora do 25 de abril de 1974, nas suas funções didático-pedagógicas ligado ao ensino. Recorremos à metodologia hermenêutica, devedora do texto/linguagem e mediadora na pesquisa e interpretação das fontes documentais, contextualizadas no tempo sócio histórico e político, com uma atenção especial à obra deste pedagogo em que relata a sua visita europeia por várias instituições e de aquisição de conhecimentos pedagógicos inovadores na época (Tomás, 1930a). Assim, o método hermenêutico será o meio de interpretarmos o conteúdo da literatura pesquisada (fontes primárias e secundárias) numa compreensão crítica, acompanhando o seu percurso de *life story* que integra a vertente de padre, de professor e inspetor do ensino primário e colaborador/redator de periódicos pedagógicos.

No processo heurístico, pesquisamos em: centros de documentação (Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, bibliotecas municipais, hemerotecas etc.); no Seminário de

Portalegre e a Paróquia de São Nicolau (Lisboa) relativo ao seu período de padre, mas em vão, pois não obtivemos elementos dignos de registo para a respetiva biografia deste pedagogo; acesso ao espólio documental da família (documentos, fotografias) e registos de relatos de vida, provenientes das entrevistas realizadas ao sobrinho-neto Aníbal Tomás, entre 2018-2019, no seu domicílio (Retaxo-Castelo Branco), tendo este autorizado o registo de informações para fins científicos. Esse sobrinho-neto que nutria uma enorme admiração por seu familiar, pelo seu bom carácter de homem humilde, manifestou uma mágoa por, na sua aldeia, nunca alguém ter relembado esta figura pelo seu bom desempenho na defesa de uma renovada educação nacional, na época, nem uma merecida homenagem.

O processo documental e biográfico de recolha de dados pretendeu resgatar para a memória coletiva (local, regional, nacional), sabendo da escassez de fontes primárias do biografado e poucas fontes secundárias sobre ele no contexto socio-histórico e educativo da época. A característica metodológica de recolher dados biográficos e/ou relatos de vida convertidos em história de vida, como é o caso desta figura pedagógica relacionada com a educação, no seu contexto histórico, político, sociocultural e educativo permitiu-nos reconstruir para a memória historiográfica local/regional e nacional este pedagogo admirador dos ideais da Escola Nova. Foi com essa pretensão que quisemos reconstruir a biografia deste padre pedagogo, especialmente com o recurso ao legado documental deixado pelo próprio em publicações impressas, recortes de jornais, fotografias, correspondência privada, documentos oficiais e outras fontes impressas primárias e secundárias. Na verdade, conseguimos reconstruir a *life story* deste pedagogo padre, triangulando as diversas fontes documentais e do espólio da família e as narrações recolhidas (relatos de vida), proveniente das entrevistas com familiares.

Lembramos que a área de pesquisa está elencada na História da Educação, compreende um domínio epistemológico referente à História quanto à Educação, o que contribui para analisarmos e interpretarmos os processos, mudanças e continuidades de ações da educação no período histórico coincidente com o percurso de vida de Joaquim Tomás. Nesse sentido, a metodologia de índole hermenêutica na análise documental foi relevante para a construção da narrativa histórica sobre este pedagogo e para incluí-lo no campo da História da educação em Portugal ao utilizarmos documentos históricos e da imprensa (periódicos) intercalada por elementos provenientes das narrativas e de outras fontes. Por isso, norteámo-nos pelos seguintes objetivos: analisar a obra e ações de Joaquim Tomás no período histórico do seu percurso de vida; compreender à luz da época (contexto), o autor, a autenticidade e

confiabilidade documental, a natureza da interpretação argumentativa relacionada com educação/ensino e pedagogia moderna; identificar Joaquim Tomás no seio das ideias do movimento da Escola Nova em Portugal; valorizar esta figura pedagógica para a História da Educação.

Percurso formativo dedicado ao ensino primário e inspeção escolar

O professor Joaquim Tomás iniciou a sua carreira docente entre 1900 e 1910, altura em que foi nomeado inspetor-chefe do ensino primário, onde adquiriu grande destaque na organização da inspeção escolar no país, em particular na dinamização da associação de inspetores. Os empenhos de Joaquim Tomás na sua atividade profissional de professor permitiram-lhe desenvolver as capacidades didático-pedagógicas e ampliar os conhecimentos científicos para a docência, obtendo a nota de 14 valores na prova escrita e 17 valores no exame para Subinspetor Primário, em 1910 (média final de 15,5/16 valores). As classificações finais desse exame eram obtidas por médias ponderadas entre as várias provas prestadas pelo candidato (escritas, orais e práticas). Dito concurso público para Subinspetor foi presidido pelo professor de Coimbra Augusto J. Alves dos Santos, grande pedagogo e divulgador das ideias da Escola Nova. Na apresentação do Relatório Final dessas provas, Joaquim Tomás referiu um circunstanciado elenco de deficiências sentidas, de forma geral, em todo o sistema de ensino primário na época, havendo a necessidade de renovar muitas medidas e métodos desse ensino, em especial as metodologias da educação escolanovista.

No dizer de Goulão (2003), o parecer do relator das provas orais e práticas, professor Alves dos Santos (1913, p. 279-280), indicava uma

[...] classificação satisfatória, face às carências gerais reveladas pelos candidatos no desenvolvimento dos temas solicitados nas provas escritas, que abordaram a área da psicofisiologia infantil e da ciência da educação, da metodologia do ensino primário e de legislação escolar (Goulão, 2003, p. 563).

Ou seja, as provas realizadas pelo jovem Joaquim Tomás deixaram muito a desejar. Contudo, temos que reconhecer que ele tinha tido uma significativa evolução científico-pedagógica, cultural e domínio didático, experiência e investimento pessoal, já que obteve 11 valores no exame final de habilitação para o magistério primário, em 1899 e uma média bem superior nas provas de exame para Subinspetor (Goulão, 2003). Ora essa evolução e

desenvolvimento científico-pedagógico deveu-se em muito às suas ações e funções de professor e inspetor, à elaboração de manuais escolares e à realização de outros trabalhos didático-pedagógicos (Tomás, 1930b).

No ano letivo de 1908/09 foi-lhe concedido um prémio pecuniário por elevados serviços prestados como professor em Tomar, mais tarde promovido ao cargo de reitor da Academia de Santarém. Obteve alguns louvores do Ministério, como em 1907 e 1928, pela dedicação à causa do Ensino. Foi designado secretário, por diversas vezes, da Comissão de Livros e Programas, para o ensino primário entre 1925 a 1928, tendo sido nomeado Diretor do Distrito Escolar de Santarém no ano letivo de 1927-28, em plena Ditadura Militar. Igualmente, presidiu, no início da década de 1930, em Lisboa e no Porto, aos exames de Estado de acesso ao Magistério Primário, assim como os mesmos exames, em 1934, em Braga. Vivia-se um período de ascensão e influência dos movimentos católicos na educação/ensino do regime e, daí Joaquim Tomás, sendo padre, disponibilizava-se em colaborar.

É um dos fundadores da Revista Escolar, publicada regularmente entre 1921 e 1935, tendo assumido o cargo de secretário da redação, em 1925, sendo o diretor o seu conterrâneo albicastrense e ilustríssimo pedagogo Faria de Vasconcelos (1888-1939). Colaborava simultaneamente no periódico pedagógico A Escola Primária, órgão português da *Ligue Internationale pour L'Éducation Nouvelle*. Foi um especialista entendido dos problemas escolares da época, um fervoroso admirador e seguidor de experiências educativas realizadas na Europa, para além da sua leitura assídua de publicações estrangeiras, já que pertencia ao corpo redatorial de algumas revistas pedagógicas (Nóvoa, 2003)

Nas palavras do seu sobrinho-neto, Aníbal Tomás, a sua vocação “sacerdotal” evidenciou-se logo, em jovem, durante o curso de Teologia no Seminário de Portalegre. Chegou a exercer, simultaneamente, as funções eclesiásticas numa paróquia da diocese de Portalegre e Castelo Branco com as funções docentes no quadro de professores do ensino primário do distrito de Castelo Branco (1901-1910) e, posteriormente, entre 1910 e 1936, exercendo as funções de Inspetor Chefe do Ensino Primário em vários círculos escolares (Goulão, 2003).

Esse pedagogo foi sempre um homem modesto e humilde na forma de ser e de agir como: sacerdote/padre, professor (primário), (sub)inspetor do ensino primário, diretor escolar, tradutor/publicista e um didático na elaboração de textos de ensino O alvitre do sobrinho-neto Aníbal Tomás expressou ao semanário regional A Reconquista, o anseio que falta concretizar-se do “diligente professor, um ativo inspetor escolar e um aplicado publicista que a [...]”

dinâmica freguesia do Retaxo bem poderia promover uma merecida homenagem a este ilustre Retaxense, atribuindo o nome deste conterrâneo a uma das artérias daquela airosa Freguesia” (Reconquista, 2006).¹

É com essa expressão de simplicidade e humildade que ele celebrou o casamento de Aníbal Tomás com Deolinda Pires, em Castelo Branco, em 1941, numa altura em que ele não exercia o sacerdócio, mas veio propositadamente para essa celebração. Igualmente, realizou outras cerimónias religiosas, sempre que lhe pediam e por vezes deslocando-se para o efeito. No último período da sua vida, exerceu o sacerdócio em Lisboa, nas igrejas de São Nicolau e da Conceição Velha. Faleceu em 16 de janeiro de 1973, com 94 anos, com “uma vida cheia de alegria pelo que fez” (Aníbal Tomás, 22/fevereiro de 2019).²

De facto, Joaquim Tomás viveu o seu percurso no ensino primário, num ambiente envolvido de instabilidade e desgaste das forças políticas, parlamentares e governamentais na Primeira República (constante queda de governos/ministérios), seguido de tempos conturbados após o golpe militar, de 1926, de tal modo que o Decreto-Lei n. 13.619, de 1927, reduziu a escolaridade obrigatória para quatro anos, com proibição da coeducação, mas permanecendo a divisão do ensino primário nas categorias de: infantil, primário elementar e primário complementar (Serrão, 2018). Em 30 de novembro de 1931, o Governo criou os “postos de ensino” (papel dos regentes escolares), como instrumento em prol da diminuição do número de iletrados, ou seja, na tentativa de resolver o problema do analfabetismo elevado existente (entre 1930 e 1970, houve um decréscimo de 61,8%, em 1930, para 20,5% em 1970, da taxa de analfabetismo). A taxa de analfabetismo, principalmente a infantil, era preocupante, pois superava os 75% de analfabetos (Mónica, 1978), levando o Governo a publicar o Decreto-Lei n. 20.181, de 1933, que instituiu um novo processo de criação de escolas, que estabelecia a intervenção nesta matéria das câmaras municipais, as quais eram igualmente responsáveis pelas condições do funcionamento/manutenção do parque escolar (Sampaio, 1976). Era evidente que o regime salazarista dava especial atenção à doutrinação ideológica (símbolos – ícones na sala de aula), sendo uma dessas formas a obrigatoriedade, para os manuais escolares, que perduravam no tempo, com uma grande estabilidade nos textos e nas ilustrações, com a inclusão de citações/referências como verdadeiros tópicos de propaganda política (a família, o império

¹ RECONQUISTA, Jornal (semanário). **Efemérides**, 24 de setembro, p. 13, 2004.

² O SÉCULO. Figuras que marcam (Joaquim Tomás). **O Século**, p. 2 e 3, 18 set., 1930.

colonial, a sã convivência das classes sociais e das raças, as grandes obras públicas, o culto do passado, o cristianismo, a cultura popular etc.), ou seja, cumprindo as intenções e objetivos subjacentes ao regime (António Ferro era o responsável da Propaganda Nacional). São bem evidentes as palavras de Goulão (2003, p. 568):

Tendo exercido as suas funções oficiais em período de disciplina férrea própria da ditadura, Joaquim Tomaz procurou exercer a sua missão profissional docente à luz de uma pedagogia de abertura que ia alimentar na experiência estrangeira, guiada pela doutrina cristã que professava na sua qualidade de sacerdote. A sua vasta obra escrita, está cheia de provas desta simbiose (Goulão, 2003, p. 568).

Joaquim Tomás exerceu as funções de professor num sistema educativo que pouco ou nada valorizava a cultura, mas defendia melhor a ignorância como fator de felicidade do povo, daí a pretensão política de dar uma formação que não fosse muito além do ABC do português: “saber ler, escrever e contar”, através do processo de escolarização mínima orientada de forma pragmática para todos os portugueses e na base da estruturação do universo ideológico preconizado pelo regime (Carvalho, 1986).

No salazarismo houve uma inculcação ideológica e de doutrina moral (valores) na educação que enquadrava/condicionava os portugueses pela doutrinação política, através da escola. Essa edificação da escola nacionalista assentava na diferença entre educação e instrução (ensino de métodos, técnicas e práticas científicas). Se recorremos à diferença proposta por Robert Dottrens: o educar era transmitir conhecimentos e valores (ou contravalores), que coincidia com a educação do Estado Novo; o instruir era transmitir conhecimentos sem inculcar valores, algo em que o Estado Novo não estava interessado, pois o seu objetivo era a formação de consciências e a integração na ordem social. A escola preparava cidadãos aptos para o trabalho, essencialmente braçal e no campo, enquanto educava no sentido da obediência e respeito pela autoridade (Almeida, 2011).

Efetivamente, Joaquim Tomás viveu e realizou o seu percurso académico, exercício de professor nos meandros temporais da Primeira República (1910-26), da Ditadura Militar (1926-28) e, no Estado Novo salazarista (1930-68) e marcelista (1969-74). Tivemos esse marco socio-histórico e político na sua base contextual, temporal e educativa, na reconstrução da memória individual para a coletiva do professorado primário da época, confirmando que o percurso pedagógico de Joaquim Tomás está impregnado por ideais do Movimento da Escola Nova.

Excursão a escolas europeias com ideias pedagógicas inovadoras

Joaquim Tomás vive numa época em que se vai expandindo as ideias da Educação e/ou Escola Nova e outras experiências inovadoras. Era um curioso pelas ideias pedagógicas de Pestalozzi, Fröebel e do Movimento da Escola Nova (Maria Montessori, Decroly, Faria de Vasconcelos). No intuito de conhecer essas novas perspectivas psicopedagógicas e escolas/instituições de ensino, viaja durante três meses (abril a junho de 1930) pela Espanha, França, Bélgica e Suíça. Antes de partir para esse percurso, teve cartas de recomendação passadas por algumas figuras pedagógicas portuguesas, como a do seu amigo, insigne pedagogo de renome internacional e diretor do Instituto de Orientação Profissional de Lisboa, o professor António Faria de Vasconcelos, que lhe serviu para ser mais bem atendido no Instituto Jean Jacques Rousseau em Genebra/Suíça, dirigido na época por Pierre Bovet (Veríssimo, 2007). Joaquim Tomás pretendia conhecer experiências práticas europeias, aprender novas estratégias/metodologias de ensino no âmbito da Educação Nova, para além do contacto pessoal com outras culturas e mentalidades daqueles países sobre a educação:

[...] uma natural curiosidade de conhecer e aprender, incitaram-nos a solicitar da Junta da Educação Nacional um subsídio para realizarmos uma pequena excursão pedagógica [...] Mas o que nela observámos resultaria pouco menos do que inútil para a escola do nosso país, se nos restringíssemos à observância daquela cláusula, e, por isso, resolvemos dar à publicidade as notas que, diariamente, tomámos (Tomás, 1930a, p. 7-8).

O relatório extenso, quase 400 páginas, da visita de estudo apresenta uma boa literatura pedagógica, circunstanciada aos períodos do seu percurso, com pormenores de diário, descrevendo muitas e valiosas informações pedagógicas, sempre acompanhadas de notas ou comentários sobre a realidade do ensino no estrangeiro. Para além de narrar as suas impressões e observações nas escolas/instituições visitadas, dos encontros com personagens pedagógicas e, sobretudo opiniões de tudo o que viu e viveu, desde a partida da estação de Santa Apolónia, em Lisboa, a 29 de abril de 1930, para Madrid, levando o *Guide du Voyageur s'intéressant aux écoles* e usufruindo um modesto subsídio dado pela Junta de Educação Nacional, que era insuficiente para enfrentar as despesas elevadas, em função do nível de vida naqueles países europeus (Goulão, 2003).

Vejamos as escolas visitadas nos diversos países europeus e as ideias inovadoras que chamaram a atenção do pedagogo Joaquim Tomás (1930a), na viagem de estudo e/ou de excursão pedagógica.

1) Espanha. Em Madrid, chegou em 29 de abril de 1930. Ele visitou várias escolas e Escola Normal de Formação de Maestros - La Florida, as escolas Cervantes, príncipe das Astúrias e Conde Peñalver. De todas, a Escola Cervantes (construída entre 1911-14), cujo primeiro diretor Angel Llorca, é aquela que lhe mereceu mais atenção, pois seguia as diretrizes pedagógicas modernas em espaços (tipo higienista), mobiliário e ensino da *ILE – Institución Libre de Enseñanza*, inspirada na filosofia krausista, introduzida na Universidade Central de Madrid por Júlian Sanz del Rio, com grande repercussão na renovação educativa e na vida intelectual espanhola, tendo como base: pedagogia e/ou ensino intuitivo (influência Rousseau e Pestalozzi) no contacto direto da criança com a natureza físico-natural; métodos pedagógicos mais diversificados e ativos; atenção ao cuidado físico, higiénico e atividades ao ar livre dos alunos; educação prática, ensinando o aluno a fazer as coisas, envolvendo-o de forma ativa; instruir e educar o carácter; o desenvolvimento do corpo é paralelo ao do espírito, com práticas de atividades desportivas, com participação dos familiares; avaliação contínua e próxima ao aluno, evitando exames; as aulas norteavam-se pela modalidade de ateliê (encadernação, imprensa, mecanografia, desenho etc.); aulas de língua francesa etc.

Em Barcelona visita as escolas de *Baixeras* (diretor Pedro Vergiès) e escola La Farigola, com a curiosidade dos professores prepararem os seus planos de aula (projeto curricular) com reuniões diárias, logo de manhã, discutindo e refletindo as planificações, assim como os manuais escolares de acesso ao aluno, recorrendo a material de pesquisa na biblioteca, álbuns e material nos museus escolares. Os preceitos pedagógicos tinham um sentido prático e ativo. Visitou as Escolas de Mar e Escolas de Bosque (diretora Rosa Sensat, situada na quinta Laribal – Montjuic), já que a Catalunha, em termos de renovação pedagógica e com a ajuda dos municípios, criou a partir de 1914 essas escolas de ensino ao ar livre, na base da metodologia ativa com os alunos, pela coeducação, aprendizagem significativo, interação na relação pedagógica, educação baseada na harmonia “ser humano-natureza”, adaptação do ensino às capacidades dos alunos, estimulação das aptidões pessoais, expressão corporal e musical etc.

O pedagogo português durante a sua estadia em Espanha interessou-se pelas escolas *Avé Maria*, em Granada, que foram fundadas em 1889, pelo Padre Andrés Manjón y Manjón (1846-1923). Com uma ideologia católica própria, aplicava uma prática pedagógica moderna,

com procedimentos de ensino que exigiam a participação ativa dos alunos no processo de aprender para além do contacto desses com a natureza físico-ambiental (Cruz, 1985). Essas escolas destinadas a crianças pobres, vadias, mendigas e “perigosas” (infância desvalida) misturava as medidas educativas protetoras com os hábitos de higiene (social, escolar) e elementos de medicina social (discurso eugenista). Esta “boa educação”, como a caracteriza Joaquim Tomás (1958), utilizava material didático e lúdico, os jogos (vertente lúdica e recreativa), o sistema planetário e o mapa-mundo em relevo e submergido em água (no jardim da casa) para a geografia, para além de outros recursos úteis à aprendizagem.

O sistema educativo manjoniano era um ensino popular, gratuito e centralizado no aluno, fundamentado numa educação gradual e contínua, progressiva e ativa, de âmbito estético, moral e religioso, ou seja, um ensino adaptado às condições da criança, em cada idade, tala como defendia o seu fundador e que entusiasmava os pedagogos visitantes. Todos esses elementos pedagógicos inovadores chamaram a atenção do pedagogo português, principalmente os seguintes aspetos (Prellezo García, 1975): o ensinar no campo; o ensinar brincando e educar fazendo; o associar as letras, as ações e a aprendizagem de um ofício (escola moderna); o educar o ser humano cristão, na sua liberdade de aprender; a educação física escolar como instrumento educativo e de ginástica militar (batalhões infantis) para implementar ideais patrióticos, mas assente na tríade “higiene-natureza-jogos”; acampamentos escolares; disciplina assumida pelos alunos com pouco esforço; organização escolar; construção de relógios de sol nos espaços naturais etc. A genese dessas escolas assentava metodologia ativa, coincidindo com os princípios da Educação Nova, mas sem reconhecimento do Bureau Internacional das Escolas Novas (Genève). Contudo, elas foram pioneiras na renovação pedagógica espanhola.

2) Suíça (maio/1930). Em Genève Joaquim Tomás contacta, por recomendação de Faria de Vasconcelos, o Instituto J. J. Rousseau, dirigido por Pierre Bovet; visita a escola *Maison des Petits* (diretora Mina Audemars e Louise Lafendel colaboradora), destinada à formação de professores e ligada àquele Instituto. Analisa o projeto de ensino individual nessa escola, os aspetos psicopedagógicos, de pedagogia experimental e muitos dos princípios da Escola Nova. Observou o funcionamento das escolas de Saint-Jean e de Mail, que aplicavam o método global e uso de meios visuais na aprendizagem da leitura e, ainda, se deslocou à Lausana para visitar aulas práticas na Escola Normal, aulas de primária em Vilamont e analisou, na escola nova La Châtaigneraie (Founex, cantão Vaud) a aplicação do sistema de *self-government*.

3) França (maio/1930). O inspetor primário português chega a Sedan para observar o funcionamento da aula experimental criada por R. Cousinet, reunindo-se a 30 de maio com este pedagogo que lhe explica o método de trabalho livre por grupos que estava a ser aplicado por Madame Bertrand numa aula de 42 alunos, dos 9 aos 11 anos. Essa experiência é muito elogiada por Joaquim Tomás, que destaca o desenvolvimento da personalidade dos alunos pelos valores essenciais, a aquisição de competências pela expressão, enriquecimento do conhecimento escolar, o aprender a aprender, a aprendizagem da vida social (grupo), o trabalho em grupo etc. Deslocou-se a Lille para visitar a escola nova de D' Ampère, dirigida por J. Roger.

4) Bélgica (junho/1930). Joaquim Tomás chega, a 4 de junho, em Bruxelas, contactando vários pedagogos e escolas, em especial a Escola Normal dirigida por T. Jonckheere. E, a 11 de junho, a Escola de l'Ermitage de O. Decroly, por recomendação escrita de Faria de Vasconcelos, onde destaca: o método da globalização e a prática dos centros de interesses; o entusiasmo, liberdade e as atividades dos alunos numa escola pela e para a vida, associada ao papel do ambiente envolvente (jardim botânico) na aprendizagem; valoriza os ateliês, os laboratórios, as sessões de teatro, a ginástica; o regime de cogestão; papel das expressões etc.

5) França (finais de junho/1930). Da Bélgica vai para Paris, visitando a escola Saint-Benoît, a escola d'Ille-de-France (Liancourt), as cooperativas escolares em Saint-Jean-d'Angély (figura Hyppolite Profit) e l'École des Roches (Normandia), onde observa as atividades de aprendizagem e as desportivas, a educação física, o papel do ambiente (escola ao ar livre), sistema de ensino etc., fazendo-lhe lembrar a obra de E. Demolins, de 1898 sobre essa instituição. A sua última visita realiza-se à escola montessoriana *L' Enfance Heureuse* (dirigida Mlles Leroux e Riedel), em Pau.

Dessas viagens, o professor/inspetor aprofunda a nova pedagogia, especialmente os métodos propostos por Decroly e Cousinet, aprecia os sistemas educativos suíços, onde além da civilização em torno da cooperação, existia uma valorização profissional do professor, mas, acima de tudo, pela educação da criança, enquanto ser primordial e nuclear na educação. Os seus registos mencionam o lema defendido pelos belgas “*Il faut surtout amuser les enfants*” (Tomás, 1930a, p. 365), valorizando o enriquecimento pedagógico pelas metodologias inovadoras, que fizeram fortalecer as perspetivas pedagógicas de Joaquim Tomás para o ensino do seu país. Das 23 conclusões do Relatório de visita, destaca:

[...] 1º - Que quási todas as escolas lá fora procuram realizar o ensino por forma que o saber resulte mais do esforço dos alunos do que do trabalho dos professores;

4º - Que os castigos corporais nem sequer se concebem já no mundo pedagógico e que os melhores professores nada premeiam e pouco castigam, provindo todos os estímulos do interesse que o trabalho inspira e da satisfação que os espíritos infantis nele encontram;

5º - Que o método globalístico e audiovisual de leitura está em voga em quási todas as escolas, sendo raros os professores que ainda recorrem aos processos silábicos, seja qual for a feição que revistam;

12º - Que as escolas novas não adotam já o sistema das carteiras vulgarmente usadas nas escolas oficiais, mas mesas alongadas ou redondas a que se sentam vários alunos, mobiliário que, além de permitir que o ensino revista uma feição mais prática e ativa, facilita a limpeza das salas;

14º - Que em toda a parte se ministram regularmente exercícios de ginástica e canto, como atos corretivos e equilibradores do trabalho formal (Tomás, 1930 a, p. 366).

A divulgação dessa obra reforça o prestígio de Joaquim Tomás, ao dedicar-lhe as seguintes palavras, relativas à ação do professor como:

[...] Orientador consciente, sabe indicar com esclarecido conhecimento dos assuntos que ele próprio pratica com método e saber. Tem opiniões próprias, bem definidas, tem princípios assentes que defende com o valor real que lhe proporciona a sua atividade notável e sobretudo porque, uma prática honesta e sempre acompanhada com a elucidação dum estado continuado das modificações que a Ciência da Educação nos vai oferecendo (Tomás, 1930b, p. 1-20).

Evidentemente, Joaquim Tomás viveu numa época de grandes transformações ideológicas/políticas e educativas, até mesmo sociais e culturais. Mas os pedagogos do Movimento da Escola Nova, em particular Maria Montessori e Decroly, exerceram grande influência no seu pensamento e visão pedagógica para o ensino e educação em Portugal. Os diversos enfoques, que defendia e que tentou implementar, de cariz inovador, provém das influências pedagógicas que absorveu, especialmente do seu conhecimento, por exemplo: do naturalismo pedagógico (influência do Emílio, de J. J. Rousseau e experiências de J. E. Pestalozzi - método espontâneo e ambiente das “quintas pedagógicas”); da impressão pedagógica tida pelo modelo das Escolas Avé-Maria (pedagogia nova católica); o respeitar os ritmos de aprendizagem das crianças; a valorização dada aos materiais didáticos e à sua construção para o ensino; a experiência prática dos materiais naturais no ensino; a organização do trabalho (individual e em grupo); o papel das expressões, dos jogos ou ludicidade educativa (excursões, jogos, brincadeiras) na educação primária; a correta liberdade de aprender do aluno;

a determinação da ação educativa do professor, no processo de formação (moral) para do aluno; a educação com um propósito social etc. Esses vestígios pedagógicos, presentes nos seus escritos, associava-os aos valores humanos e à sua bondade cristã de professor (empatia com os alunos), que constituíam o fermento formativo do ser humano.

Dedicação à didática do ensino e a periódicos pedagógicos

O professor Joaquim Tomás preocupou-se em renovar a educação e o ensino da época e, por isso, colaborou em revistas pedagógicas ou periódicos, por exemplo: Revista Escolar, Ensino Primário, A Escola Primária, Seara Nova e também nos jornais O Século, o Diário Popular e Defesa, de Évora, etc. Mas é na Revista Escolar, que era um periódico educativo destinado “[...] preferencialmente a professores primários - os seus assinantes maioritários - e a inspetores nela houve, efetivamente, um predomínio de autores que eram inspetores e normalistas (e universitários)” (Carvalho, 2001, p. 87), onde publica regularmente os seus contributos didáticos e pedagógicos, que o colocam num lugar de destaque na organização dos “serviços do ensino”, na época. Secretariou e administrou o periódico Revista Escolar (redação em Elvas), do qual foi redator e, depois, diretor, ou seja, “Entre 1921 e 1925, a revista esteve sob a direção de inspetores (Heitor Passos, Albano Ramalho e Joaquim Tomás, fundadores do periódico), concentrando-se em temáticas relativas à política educativa e a aspetos diversos do professorado do ensino primário” (Carvalho; Cordeiro, 2002, p. 29). Os editoriais dessa revista, estudados por Carvalho e Cordeiro (2002, p. 30), assinalavam a

[...] representação da publicação como espaço de receção e de difusão de modelos de modernização pedagógica e, paralelamente, da ideia favorável ao pensar as coisas nacionais, no caso as educativas, mediante a mobilização de experiências pedagógicas no mundo culto, movente e moderno (Carvalho; Cordeiro, 2002, p. 30).

Os temas privilegiados da Revista Escolar eram relativos à política educativa portuguesa, as matérias didáticas de interesse do professorado primário, de tal modo que muitos desses artigos retratavam claramente as rotinas de sala de aula, explicitando os modos estratégicos e metodológicos pelos quais se organizava o ritual cotidiano, no percurso do ensino-aprendizagem (Boto, 2012).

Os articulistas daquele periódico estampavam as suas representações educativas dos tempos e dos espaços do aprendizado. A escola primária era tida por local privilegiado daquilo que, naquele tempo, era caracterizado por segunda infância. A ideia da escola primária supunha

- e isso era unânime entre os articulistas - o ensino da leitura e da escrita. Mais tarde, nessa Revista Escolar, o professor Nóvoa afirmou que:

[...] Entre outubro de 1925 e 1928, já com a direção (do pedagogo albicastrense) professor Faria de Vasconcelos, da Escola Normal Superior de Lisboa e da Faculdade de Letras de Lisboa, estende a sua atenção para as restantes modalidades da educação escolar e acentuou o cunho científico e pedagógico; entre os finais de 1928 e de 1931, prolonga esta faceta sob orientação de um, também, normalista e universitário, João Silva Correia, para, no período final, sob o esforço de Joaquim Tomás - que aliás permaneceu ao longo dos anos como elemento de continuidade na publicação - se repartir entre a divulgação das ideias da Educação Nova, por via de artigos e de notícias estrangeiras, e a divulgação de legislação escolar (NÓVOA, 1993 *apud* Carvalho, 2001, p. 87-88).

Por conseguinte, devemos reter os valiosos contributos didático-pedagógicos que deixou Joaquim Tomás (1958), sobretudo a respeito da metodologia do ensino da ortografia na escola primária, da lecionação simultânea de várias classes, a coeducação dos sexos, a questão dos livros escolares, a educação moral e cívica, a falta de professores ou as escolas novas. Pela listagem dos seus artigos publicados e colaborações pedagógicas, percebemos a diversidade de matérias e/ou assuntos sobre as quais esse professor padre aborda na sua época. É de relembrar a coluna Figuras que Marcam, de O Século, a 18 de setembro de 1930, que lhe dirige as seguintes palavras de grande apreço: “Pela sua ilustração e qualidade de carácter, é o inspetor Joaquim Tomás justamente considerado uma das figuras de maior relevo do ensino popular” (O Século, 1930, p. 2).

Na década de 1930, conjuntamente com Ricardo Rosa y Alberty e Chagas Franco, dedica-se à preparação de manuais escolares para o ensino da leitura das quatro classes do ensino primário: Primeiros Passos - Leituras para a 1ª Classe (adotado no ano letivo 1936-1937, com ilustrações de Alfredo Moraes); Pouco a Pouco - Leitura para a 2ª Classe; Mais Adiante - Leitura para a 3ª Classe; e Finalmente - Leitura para a 4ª Classe. Todos esses livros conheceram um grande sucesso, sendo objetos de várias reedições.

Algumas dessas obras, especialmente a Finalmente teve várias edições (13 pelo menos) e todas elas com aprovação prévia das competentes autoridades escolares. Lembramos que foi na década de 1940 que foi imposta, pelo decreto n. 27.882, de 21 de julho de 1937, a utilização do “Livro único” de leitura para a 1ª, 2ª e 3ª classe, ficando apenas livre a escolha do livro de leitura destinado à 4ª classe.

Efetivamente, a escola primária no Estado Novo, com a obrigatoriedade do livro único, assume a legitimação da nova ordem social e política, inculcando os princípios ideológicos, os valores morais e sociais do regime³. Contudo, só quatro anos mais tarde foi aprovada a publicação, dada a dificuldade dos vários autores candidatos em preencherem os requisitos oficiais.

Perante esses contextos educativos retrógrados, na sua perspetiva, Joaquim Tomás requereu a aposentação docente em 1936, regressando à vida religiosa com alguma atividade de índole pedagógica, de tal forma que assume a responsabilidade da edição e da direção do periódico *Vida Católica* (jornal sediado em Elvas, a partir de 1955). Exerce o sacerdócio em várias regiões do país, por exemplo em Castelo Branco, Coimbra, Lisboa, Portalegre e Elvas. Posteriormente, na década de 1940, pede autorização eclesiástica para se retirar das funções eclesiásticas, pois queria contrair matrimónio. Ato que efetivou ao casar-se com uma senhora de Lisboa. Embora não haja registo de quaisquer filhos ou tenha resultado descendentes desse casamento, cerca de três anos volvidos, considerou que o que lhe estava no coração era efetivamente o sacerdócio. Assim, solicita autorização para regressar à vida religiosa, o que, contrariamente ao que poderíamos esperar, de acordo com os costumes e convicções da época (direito canónico), foi autorizado. Essas decisões fazem-nos acreditar que Joaquim Tomás, para além de ser bastante corajoso e inovador, também seria considerado uma figura muito importante e respeitada tanto no clero na altura, como pelo Governo e Ministério da Educação (Goulão, 2005).

Enquanto professor primário, aplicou o que estava ao seu alcance para alterar mentalidades e procedimentos metodológicos e didáticos, sempre na base de uma pedagogia católica impregnadas pelos valores essenciais. Manteve ao longo da vida uma empatia especial e um relacionamento afável com os seus alunos, mantendo contactos que perduraram ao longo da sua vida. Na revista *Lúmen*, o professor Joaquim Tomás escreve o seguinte:

[...] Somos sacerdotes e fomos mestre de meninos das primeiras letras e rapazes das segundas, havendo, até, chegado a diretor escolar, e pensamos que uma coisa não inferioriza a outra, nem é incompatível com ela. Completamente pelo contrário. A principal missão da igreja é pedagógica e os Apóstolos receberam, como primeiro imperativo de Jesus, o encargo de ensinar, de instruir, de levar a toda a parte ecos da palavra e o evangelho da sua doutrina (Tomás, 1958, p. 4).

³ Site de acesso: <https://51-henrique.blogspot.com/2011/11/primeiros-passos-leituras-para-primeira.html>.

Efetivamente, essa figura fisicamente imponente e de cariz muito atencioso, possuía uma mente aberta e muito culta. Foi tradutor de várias obras como *O Olhar Que Se Esquiva À Luz*, de Gustave Thibon ou *O Educador Ideal*, de Andrés Manjon, fundador das Escolas Avé-Maria em Valência, Espanha. Como resultado desse reconhecimento, o padre Joaquim Tomaz figura nas várias enciclopédias e dicionários, por exemplo, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, da Editora Enciclopédia e no *Dicionário de Educadores Portugueses* (Rio Tinto/Porto, Edição ASA, p. 1377-1379), coordenado pelo professor António Sampaio da Nóvoa e ainda referenciado por alguns periódicos locais como o jornal *A Reconquista* (de 24 de setembro de 2004), na coluna Efemérides, ao caracterizá-lo como uma “pessoa muito erudita” ou os elogios feitos na no jornal a *Voz do Retaxo*. Apesar de ter tido uma vida intensamente ocupada, profissional como professor e inspetor e depois como sacerdote, ia regularmente à sua terra natal visitando os seus familiares e muitos dos seus amigos.

De facto, como afirma Goulão:

[...] Tendo exercido as suas funções oficiais em período de disciplina férrea própria da ditadura, Joaquim Tomaz procurou exercer a sua missão profissional docente à luz de uma pedagogia de abertura que ia alimentar na experiência estrangeira, guiada pela doutrina cristã que professava na sua qualidade de sacerdote. A sua vasta obra escrita, está cheia de provas desta simbiose (Goulão, 2003, p. 568).

A inquietação e (pre)ocupação pelas questões da educação e ensino primário obriga-o a atualizar-se, a adquirir mais e melhores conhecimentos pedagógicos, de modo a aplicá-los e transmiti-los por todas as vias por onde exerceu suas funções, tanto na prática docente, como a prática religiosa. O sacerdócio foi a sua verdadeira vocação e, por isso, ou compaginou-o com a atividade de professor ou a ele regressou, após ter suspenso o seu exercício eclesiástico. Foi sempre desprendido e despojado dos bens materiais, dando o que tinha aos pobres ou famílias mais necessitadas.

No regime do Estado Novo surgem várias organizações/agências de controle simbólico e político, por exemplo: a Junta Nacional de Educação, como meio de recontextualização oficial do regime; e outras agências de reprodução do discurso oficial, dependentes daquela Junta Nacional, como a Obra das Mães pela Educação Nacional e a Mocidade Portuguesa (Decreto-Lei n. 26.611, de 19 de maio de 1936, em execução da lei n. 1941, de 19 de abril de 1936). Esta última era destinada a toda a juventude masculina escolar (a feminina foi decretada em 08 de dezembro de 1938), com o intuito de estimular o

desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à pátria, no sentimento da ordem, no gosto pela disciplina, pelo culto dos deveres morais, cívicos e militares (Bianchi, 2000).

Em relação ao parque escolar, o Governo salazarista propõe a regionalização das construções escolares, obedecendo a regras próprias, segundo a zona em que são construídas, de tal modo que, entre 1933 e 1935, os arquitetos Rogério de Azevedo (regiões Norte e Centro) e Raul Lino (região Sul) são nomeados responsáveis pelos projetos de arquitetura escolar, em regime de contratação, com o Ministério das Obras Públicas. Essa decisão de edificação regional mantém-se com essa normalização durante os anos 1940 com uma (nova) estética (fachadas) e uma dimensão espacial estabelecida, mas aquém das reais necessidades escolares, obrigando na década de 1950 a obras de ampliação, através do Plano dos Centenários, em várias fases de construção e modelos. Em Castelo Branco a construção de edifícios escolares desse Plano dos Centenários previa 391 salas (3,13%, maioritariamente com edifícios de uma sala com capacidade de 30 alunos), 275 edifícios (3,34%) com uma média de aluno por sala de 1,42, estando abaixo da média nacional de 1,52 (Plano dos Centenários - Despacho do Conselho de Ministros de 15/07/1941). Ou seja, o distrito de Castelo Branco apresentava-se, em 1959, com uma execução de 192 edifícios dos 252 previstos e com 368 salas das 462 também previstas. É de referir que no ano de 1952 o número de lugares docentes eram de 15 mil e 724 e dez anos depois esse número eleva-se para 24 mil e 500, o que corresponde a um aumento de 55%, com a criação anual de 870 escolas. Paralelamente à rede escolar, o regime do Estado Novo concretizou o Plano de Educação Popular, na tentativa de adaptar a escola portuguesa às transformações que se operavam na Europa (Projeto Regional do Mediterrâneo).

Algumas ideias a reter para História da Educação

A reflexão historiográfica sobre o ensino/educação no período do Estado Novo (salazarista, marcelista) é ainda muito incipiente, havendo a necessidade de aprofundar muitas figuras pedagógicas, como a de Joaquim Tomás, pois merecem ser investigadas pelos seus contributos (educativos, pedagógicos, didáticos, socioeducativos e culturais) no âmbito da História da Educação. Esse professor pedagogo teve um percurso de vida longo, vivendo entre períodos de aplicação de ideias educativas implementadas na escola portuguesa e outros períodos retrógrados, como no Estado Novo, especialmente no que dizia respeito aos

professores e à imagem que o regime quis transmitir (Nóvoa, 2003). Um exemplo dessas exigências à profissão de “ser professor” no salazarista é que as professoras e as regentes de postos escolares deviam ter uma compostura nos trajés, proibindo o uso de pinturas, para além de exigir o bom comportamento moral irrepreensível para o magistério primário (artigo 8º, Decreto Lei n. 27.279) (Nóvoa, 2003).

Podemos dizer que, de acordo com a atual mudança de paradigma educativo para a educação e escola inclusiva, Joaquim Tomás foi um professor muito atual e inclusivo, admitindo uma educação para todos na diversidade cultural, mas com uma atenção especial à educação das crianças em risco e com necessidades educativas especiais. Ele observava os alunos e lamentava que a realidade educativa portuguesa da sua época não estivesse adequada ao que as crianças necessitavam (capacidades e interesses), nem os professores estavam aptos em termos de formação às metodologias ideais para um adequado desenvolvimento harmonioso do aluno. Até meados do século XX, assistimos a uma consciencialização e sensibilização por parte da sociedade relativamente às pessoas com necessidades especiais, surgindo algumas escolas especiais e centros de reabilitação com objetivos de escolarização e treinamento dessas pessoas.

Joaquim Tomás não foi alheio a essa preocupação de integração e ensino desses alunos, pois na sua excursão pedagógica visitou algumas dessas escolas, as quais funcionavam com respeito máximo pelas capacidades de cada aluno, numa perspetiva sempre (psico)pedagógica e axiológica. A sua intenção didático-pedagógica centrou-se no desenvolvimento de especialidades e programas de reabilitação específicos para esses alunos, chegando a destacar o importante papel de Langdon Down e de Maria Montessori nos seus países, que foram os ícones que deram impulsos aos estudos sobre a deficiência das crianças ditas “anormais” (incluindo os problemas de aprendizagem), já que permitiram aprimorar os métodos mais favorecedores para o desenvolvimento dos portadores dessas necessidades especiais. De facto, ele valoriza no ensino vertente didático-pedagógica, tendo uma admiração pelos materiais didáticos propostos por Montessori, o método global de Decroly, o trabalho em grupo de Cousinet, as quintas pedagógicas de Pestalozzi, escolas Avé Maria etc. Joaquim Tomás considerava essencial a adequação das metodologias às crianças com necessidades educativas especiais e, igualmente para as ditas normais.

Por conseguinte, Joaquim Tomás viveu a sua atividade de professor e inspetor do ensino primário no período do Estado Novo, quando se primava mais a educação (doutrinação

ideológica) sobre a instrução (Mónica, 1978). Paralelamente, absorveu ideias renovadoras, fruto da sua viagem a vários países da Europa, das leituras e contactos com alguns pedagogos da Escola Nova, especialmente aprofundando os seus métodos e estratégias de ensino (Goulão, 2005). Colaborou em vários periódicos ou revistas pedagógicas, que lhe mereceram reflexões e mudanças na forma de ensinar e de ser professor, apesar do retrocesso da educação no Estado Novo. Deambulou entre a vocação docente e a de sacerdócio, mas a sua preponderância pedagógica permitiu-lhe dar contributos na vertente didática do ensino. Mesmo com esses esforços para que a educação e o ensino primário fossem melhores e mais atrativos para todas as crianças, não assistiu à democratização da escola, do após 25 de abril de 1974. Contudo, é justo lembrar a petição do jornal A Reconquista de 22 de setembro de 2006, ao solicitar o nome deste conterrâneo numa das artérias da sua aldeia natal.

Referências

- ALMEIDA, Alberto de Jesus. A escola primária ao serviço do Estado Novo em Portugal. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 1, p. 13-31, jan./jun., 2011.
- BIANCHI, J.J. Pinhaços de. O ensino escolar em Portugal desde a implantação da República até a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (1910-1986). **Contexto e Educação**, ano 15, n. 60, p. 7-46, out./dez., 2000.
- BOTO, Carlota. Métodos de ensino na escola portuguesa: a Revista Escolar (1923-1926). **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 385-401, set/dez., 2012.
- CARREIRA, António R. **As construções escolares e os seus problemas**. Lisboa: Labor, 1959.
- CARVALHO, L. M. **A presença espanhola na imprensa pedagógica portuguesa**. O caso da Revista Escolar, 1921-1935. Lisboa: Faculdade de Motricidade Human, 2001.
- CARVALHO, Luís M.; CORDEIRO, Jaime. **Brasil-Portugal nos circuitos do discurso pedagógico especializado (1920-1935)**: um estudo histórico-comparado de publicações de educação. Lisboa: Educa, 2002.
- CARVALHO, Rómulo de. **História do Ensino em Portugal, desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime Salazar-Caetano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- CRUZ, V. de la. **Don A. Manjón, su tiempo, su vida y su obra**. Madrid: Ariel, 1985.
- GOULÃO, F. **Instrução popular na beira baixa**. Castelo Branco: Alma Azul, 2003.

GOULÃO, F. Joaquim Tomás - Educador Albicastrense. In: E. C. MARTINS (coord.), **Atas do V Encontro Ibérico de História da Educação**. Castelo Branco: Alma Azul, 2005. p. 563-568.

JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL. **Relatório dos trabalhos efetuados em 1929-1930**. Lisboa: JNE, 1930, p. 72-73.

MÓNICA, M. Filomena. **Educação e sociedade no Portugal de Salazar** (A escola primária salazarista, 1926-1939). Lisboa: Editorial Presença, 1978.

NÓVOA, António S. A educação nacional (1930-1974). In: F. ROSAS (coord.). **Portugal e o Estado Novo (Nova História de Portugal)**, v. VII. Lisboa: Presença, 1992. p. 455-519.

NÓVOA, António S. Tomás, Joaquim. In: A. NÓVOA (dir.), **Dicionário de Educadores Portugueses**. Lisboa: Edições ASA, 2003. p. 1377-1379.

O SÉCULO. Figuras que marcam (Joaquim Tomás). **O Século**, p. 2 e 3, 18 set., 1930.

PRELLEZO GARCÍA, J. M. **Manjón educador**. Madrid: Magisterio Español, 1975.

PROENÇA, M. Cândida. **O pensamento pedagógica republicano**. Antologia. Lisboa: INC, 2014.

RECONQUISTA, Jornal (semanário). **Efemérides**, 24 de setembro, p. 13, 2004.

SAMPAIO, J. Salvado. **O ensino primário (1911-1969)**: contribuição monográfica, v. II. 2º período (1926-1955). Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1976. p. 114-137.

SANTOS, A. J. Alves dos. **O ensino primário em Portugal**. Nas suas relações com a História Geral da Nação. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1913.

SERRA, Filipe Mascarenhas. A imagem nos manuais do ensino primário do Estado Novo. **Cultura**, v. 21, p. 151-176, 2015.

SERRÃO, Vanda M. de Bragança. **O ensino durante o Estado Novo em Portugal**: o papel do professor. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino da História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2018.

TOMÁS, J. **Notas de uma excursão pedagógica através das escolas da Espanha, França, Bélgica e Suíça**. Lisboa: Seara Nova, 1930a.

TOMÁS, J. Escola ativa e ensino ativo. **A escola primária**, n. 115, p. 1-2, 1930b.

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA y ALBERTY, R. **Primeiros Passos**. Leituras para a primeira classe. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932a.

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA y ALBERTY, R. **Pouco a Pouco**. Leituras para a segunda classe. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932b.

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA y ALBERTY, R. **Mais a diante**. Leituras para a terceira classe. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932c.

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA y ALBERTY, R. **Finalmente**. Leituras para a quarta classe. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932d.

TOMÁS, J. **A Escola e a formação cristã da juventude**. Separata Revista Lumen -Seminário Maior de Coimbra. Lisboa: Seara Nova, 1958.

VERISSIMO, N. À travers l'Europe de l'Éducation nouvelle, le voyage pédagogique de Joaquim Tomás (1930). **Les Études Sociales**, n. 145, 1.º sem., p. 51-58, 2007.

Joaquim Tomás portuguese pedagogue follower of the new school in the 1st Republic and Military Dictatorship (1910-28) and Estado Novo (1928-1974)

Abstract: Study of a historical-documentary and/or bibliographical nature around the pedagogical figure of Joaquim Tomás, using hermeneutic methodology in the analysis and interpretation of sources (primary, secondary), complemented with interviews with a relative of his, which allowed us to historically reconstruct the life path and primary school teacher/inspector, admirer of the ideals of the New School and innovative school experiences in Europe. The hermeneutic method, indebted to the text/language and mediator in the research and interpretation of documentary sources, made us contextualize this figure of pedagogue in the socio-historical and political time in which he lived. We were guided by the following objectives: analyzing the work and actions of J. Tomás in the historical period of his life; understand in light of the time (context), the author, documentary authenticity and reliability, the nature of the argumentative interpretation related to education/teaching and modern pedagogy; identify J. Tomás within the ideas of the Escola Nova movement; value this pedagogical figure for the History of Education. In this rescue of individual memory for the collective in the field of Education, we wanted to deepen J. Tomás' contributions to the History of Education in Portugal and, mainly, his didactic-pedagogical aspect of primary education.

Keywords: Joaquim Tomás; New school; History of education; Primary school; Didactic-pedagogical

Joaquim Tomás pedagogo português seguidor de la nueva escuela en la I República y Dictadura Militar (1910-28) y Estado Novo (1928-1974)

Resumen: Estudio de carácter histórico-documental y/o bibliográfico en torno a la figura pedagógica de Joaquim Tomás, utilizando metodología hermenéutica en el análisis e interpretación de fuentes (primarias, secundarias), complementado con entrevistas a un familiar suyo, que permitió reconstruir históricamente el camino de la vida y profesor/inspector de escuela primaria, admirador de los ideales de la Escuela Nueva y de las experiencias escolares innovadoras en Europa. El método hermenéutico, deudor del texto/lenguaje y mediador en la investigación e interpretación de fuentes documentales, nos hizo contextualizar esta figura del pedagogo en el tiempo sociohistórico y político que vivió. Nos guiamos por los siguientes objetivos: analizar la obra y actuación de J. Tomás en el período histórico de su vida; comprender a la luz del tiempo (contexto), el autor, la autenticidad y confiabilidad documental, la naturaleza de la interpretación argumentativa relacionada con la educación/enseñanza y la pedagogía moderna; identificar a J. Tomás dentro de las ideas del movimiento Escola Nova; valorar esta figura pedagógica para la Historia de la Educación. En este rescate de la memoria individual para la colectiva en el campo de la Educación, quisimos profundizar en las aportaciones de J. Tomás a la Historia de la Educación en Portugal y, principalmente, en su vertiente didáctico-pedagógica de la educación primaria.

Palabras clave: Joaquim Tomás; Escuela Nueva; Historia de la Educación; Enseñanza primaria; Didáctica-pedagógica.

**Joaquim Tomás pedagogo português seguidor
da Escola Nova na Primeira República e Ditadura Militar
(1910-28) e Estado Novo (1928-1974)**

Recebido: 13 dezembro 2023

Aprovado: 30 janeiro 2024